

26 MAI 1999

Derrubada de doze barracos

Doze barracos vieram abaixo. Com eles, caíram por terras as roupas gastas, os móveis velhos, os brinquedos quebrados, e a pouca comida acondicionada em utensílios. Pior. Com o fim da improvisada moradia na invasão da QNG — entre as quadras 34 e 36 —, à beira da pista de acesso à Via Estrutural, foram destruídos os sonhos de muita gente.

Sobrevivendo há cinco anos no lugar, 150 famílias tiveram o seu barraco preservado. Elas já estavam cadastradas na Administração Regional de Taguatinga. O que não aconteceu com as doze famílias que construíram barracos nos últimos dias. Alertada, a seção de fiscalização da administração conteve a invasão. E reuniu o Serviço de Vigilância do Solo (SivSolo), Fundação do Serviço Social, Terracap e Polícia Militar.

A ação não durou muito. Foi das 9h às 13h. Alguns invasores tentaram bloquear a BR-060, mas foram impedidos pelo comandante da operação major Esmeraldo Oliveira, do SivSolo. O grande confronto aconteceu justamente no momento de decidir para onde os invasores iriam.

Eles tinham três opções. Ou aceitariam ser levados para o albergue do Centro de Desenvolvimento Social. Ou embarcariam em um dos três caminhões disponíveis para a mudança para casa de algum parente ou conhecido. Ou ficariam no local, resistindo.

Ninguém quis a primeira opção. Nada de viverem albergadas. Sete famílias deixaram a invasão para casas de verdade, de alvenaria. Para outras cinco, no entanto, nem uma coisa nem outra. Elas resistiram. Ficaram no meio dos escombros. Famílias como a de dona Dálva Lourenço dos Santos, 38 anos, sete filhos, uma cunhada deficiente física e um marido. "Não tenho ninguém. Se derrubarem meu barraco, construo de novo", disse a soteropolitana, enquanto preparava um colchão para os filhos passarem a noite. E que já rezava antecipadamente para não chover.

O direito à oração foi o que restou à mulher. Já para outras pessoas igualmente revoltadas, chorosas e com raiva dos "inimigos", não havia nada melhor do que separar os objetos pessoais, colocar em cima do caminhão e tentar erguer um teto novamente. Foi o que fez Pedro Alves da Silva, 29, casado e pai de três filhos. "Não reagi, não sou louco. Prefiro pedir ajuda a amigos de minha mulher", disse.